

# Educação via Embratel

Por mais de uma vez o presidente Fernando Henrique Cardoso utilizou a mídia para comunicar aos brasileiros sua preocupação com os problemas educacionais do País. Num de seus últimos programas de rádio, S. Exa. cuidou de comunicar que o Brasil passaria a contar, já em setembro, com a *TV Escola*, um novo canal via satélite, totalmente voltado para a educação. Um convênio do Ministério com a

Secretaria de Comunicação Social vai garantir todo o aparato técnico do empreendimento; e, como até mesmo a mais santa das intenções tem seu preço, os cofres da República liberaram, sem maiores solemnidades, R\$ 45 milhões para que prefeitos e governadores comprem os equipamentos necessários para poder sintonizar com a nitidez necessária a *TV Escola*. Não convém esquecer que outros R\$ 10 milhões também já foram liberados para a produção dos programas. Os que gostam de comparações devem lembrar-se de que R\$ 55 milhões significam quase a metade do investimento feito no ano passado em livros didáticos pelo Ministério da Educação (US\$ 130 milhões).

Todos esses recursos se destinam a equipar para a realidade eletrônica 30 mil escolas públicas. Não se façam apressadas cobranças. Se esse conjunto de unidades escolares representa apenas 15% do universo de 200 mil escolas da rede pública, o critério de seleção — a partir da exigência de uma concentração mínima de 250 alunos — pulveriza o benefício eletrônico para quase 70% da clientela escolar brasileira concentrada em escolas desse perfil. Assim os programas gerados — vale insistir, ao custo de R\$ 10 milhões — serão retransmitidos em sala de aula tanto para a difusão de novos conhecimentos dos alunos como para treinamento dos docentes. A vontade de salvar a educação brasileira via Embratel, agora transformada em alocação de verbas, não é nova no governo Fernando Henrique. Na primeira semana de fevereiro o presidente prometeu, em rede nacional, a instalação de um aparelho "em cada uma das 200 mil escolas do Brasil", oferecendo aperfeiçoamento para o

educador e material de apoio para "ilustrar as aulas". Em fevereiro, o presidente prometeu uma educação "de qualidade" como prioridade de seu governo. Quem seria capaz de negar que a telinha é instrumento importante, por tudo

## Apesar do seu poder, será que só com o uso da televisão teremos uma educação de qualidade?

que tem de síntese da modernidade, para revestir o ato de educar de eficiência? Sem dúvida, o tedioso momento de aprender poderia ter muito de seu aborrecimento contornado pelas cores cintilantes do mundo eletrônico. Como qualquer educador sério sabe, aprender significa rearranjar conhecimento, abrindo espaço para o dado novo; nas reais condições da escola brasileira será que, mesmo com todo o enorme poder da telinha, só ela, apenas com a presença do mundo encantado que chega quando se aperta o botão, será suficiente para exorcizar males tão profundos como os vividos pela educação nacional? Por exemplo: a capacitação de professores, tarefa complexa, que envolve tantos fatores, seria realizada apenas pelo incentivo oferecido pelas horas diante da televisão?

Pesquisa da Secretaria da Educação de São Paulo, publicada em setembro de 1992, mostrou que os professores deste Estado possuíam curiosos hábitos de leitura: 47% destes educadores acreditavam que liam "mais ou menos", enquanto 29% deles admitiam mesmo ter "poucas leituras". Vale a pena saber que 69% desses professores eram a favor da leitura de história em quadrinhos para seus alunos e 28% dos professores paulistas admitiam (ou confessavam?) que *liam* apenas histórias em quadrinhos! Teria o restante dos professores brasileiros um horizonte mental muito diferente dos pesquisados educadores paulistas? Nessa situação, horas na frente da telinha teriam que função pedagógica? Não seria melhor reconhecer que milagre televisivo tem limites na educação e funciona apenas como instrumento acessório, bem longe de ser o "principal" na arte de ensinar algo a alguém? Nesse caso, por que tanto investimento no instrumento? Medo de não ser suficientemente moderno, apesar de correr o risco de ser ineficiente?